

Conceituando Fundamentalismo e as três Ondas Islamistas, segundo Peter Robert Demant. PARTE I.

Graduando: Vitor Reis de Melo.

Resumo:

O artigo tem como objetivo conceituar o que é Fundamentalismo na sua primeira parte. A principal obra é O Mundo Mulçumano de Peter Robert Demant. A obra é profunda, é transparente, é culta. Não é de balde, que seu escritor é um especialista no assunto. Apesar de a obra ser incontestável em todos os sentidos. O autor não deixou de apoiar-se na Geografia; nas entrevistas de veículos de comunicação. Resolvemos trazer para mais apoio e lucidez ao trabalho alguns autores para embasar melhor a nossa pesquisa. Agregamos autores como: Nicola Abbagnano; Norberto Bobbio; Dan Cohn-Sherbock; Dawoud EL-Alami; Andrew Heywood; Eric Hobsbawm; Albert Habib Hourani; Kalina Vanderlei Silva; Maciel Henrique Silva; Ali A. Mazui; Christopher Wodji e Paulo Fagundes Vizontini. Principalmente, para esclarecer alguns conceitos, que não seria o suficiente simplesmente usarmos no universo de História. Procuramos manter até os subtítulos para que no artigo venhamos e interpretar da melhor maneira possível, e sem cometermos equívocos orientalistas e preconceitos ocidentalistas.

Summary:

The article aims to conceptualize what is Fundamentalism in its first part. The main work is *The Muslim World* Robert Peter Demant. The work is deep, it is transparent, it is learned. It is in vain that its writer is an expert on the subject. Ape-sar of the work is indisputable in every way. The author has continued to rely on geography; in communications media interviews. We decided to bring more support and lucidity to work some authors to better to base our research. Agree-deer authors as: Nicola Abbagnano; Norberto Bobbio; Dan Cohn-Sherbock; Da-woud El-Alami; Andrew Heywwod; Eric Hobsbawm; Albert Habib Hourani; Kalina Vanderlei Silva; Maciel Henrique Silva; Ali A. Mazui; Christopher Wodji and Paul Fa-gundes Vizentini. Mainly to clarify some concepts, which would be enough simply do not use the history of the universe. We try to keep up the subtí-titles for the article we will and interpret the best possible way and without co-metermos orientalist misconceptions and prejudices Occidentalists.

Islã, (Pós) Modernidade e Globalização.

O objeto artigo é um trecho do livro: *O Mundo Muçumano* de Peter Robert Demant. A obra é uma referência para quem quer estudar o Oriente. E o autor é um especialista no assunto. Segundo Peter Demant¹, o crescimento mundial do Islã é multi-causal. Na verdade, é o maior crescimento religioso. Deixa para trás religiões mais antigas como o Cristianismo, que é seis séculos mais velho que o Islã. “O que explica a expansão vertiginosa do mundo muçulmano nos dias de hoje? Qual o significado deste aumento e em que medida tais explicações podem dar conta da consequente explosão de sua face mais radical, o chamado fundamentalismo islâmico?” (DEMANT, 2004, 415 p.).

A primaz das explicações de difusão do Islã é a natalidade muçumana, que é altíssima. Um dos pontos destacado pelo autor é a posição contrária aos contraceptivos.

¹Historiador e professor de Relações Internacionais, especializado em questões do Oriente Médio, o mundo muçulmano e as relações islã-ocidente. Mestrado (1981) e doutorado (1988) em História Moderna e Contemporânea pela Universiteit van Amsterdam, Holanda; Livre-Docência em História Contemporânea pela Universidade de São Paulo (2007). Atualmente é professor associado no Departamento de História da USP, lecionando também no Instituto de Relações Internacionais (IRI-USP) e pesquisando principalmente nos temas: Oriente Médio, islã e islamismo, conflito Israel-Palestina, e a hegemonia do ocidente e sua contestação. (Texto informado pelo autor)

Essa Instituição Religiosa não pode ser explicada somente por isso. Dentro desse bojo é a condição social dos muçulmanos.

A maioria dos muçulmanos vive em países pobres – Nigéria, Sudão, Egito, Iraque, Paquistão, Índia, Bangladesh, Indonésia etc. E existe uma proporção inversa, bem conhecida, entre renda familiar e tamanho da família. Assim, apesar do aumento da natalidade em progressão geométrica ser um fator importante para a dilatação do islã, o crescimento dos muçulmanos nesses países está apenas indiretamente vinculado à religião (DEMANT, 2004, 415-16 p.).

Para Demant é importantíssimo esclarecer é o fenômeno da conversão. Isso para o Islã é uma questão mundial, não toca em questão étnica ou social. A mensagem da religião deve ser expandida aos quatro cantos da terra – é um estilo de vida. O maior paradigma é a África.

O maior movimento acontece na África, em particular ao longo da extensa fronteira das zonas já islamizadas no Sahel, como em Mali e na Nigéria. Conversões significativas também ocorrem na Europa e nas Américas. O movimento entre a população branca ocidental é, porém, limitado, e não se compara com a atração das seitas evangélicas nem das religiões indianas associadas à Nova Era (DEMANT, 2004, 416 p.).

Segundo Demant, outro ponto central é a não-conversão islâmica em relação a outras ideologias religiosas. A apostasia islâmica era praticamente a morte.

Historicamente, as tentativas missionárias católicas e protestantes obtiveram êxitos extremamente restritos. Em Estados como o Império Otomano, a missão cristã para muçulmanos era proibida, ainda que a missão entre as minorias não muçulmanas fosse legalizada. Até hoje, tentar converter uma pessoa para outra fé que não a sua original é ilegal na Indonésia, maior país muçulmano. Ainda que não existam execuções fora de países propriamente fundamentalistas, a pressão social contra a conversão é abrangente. Os muçulmanos constituem comunidades solidárias onde quer que se encontrem. A educação no islã é considerada um dos principais deveres. Casamentos mistos não são encorajados. Como resultados destas pressões, a umma não sofre os atritos (ou não no mesmo grau) como a descristianização ou secularização que afligem as Igrejas cristãs. Onde o número de cristãos praticantes declina, o dos muçulmanos aumenta automaticamente (DEMANT, 2004, 417 p.).

Os pontos importantes que somados explicam e expansão islâmica, não poder ser excluído: o retorno de muçulmanos a fé por diferentes motivos:

o chamado (*da'wa*) de pregadores ou conhecidos islamistas, uma crise pessoal ou espiritual, a pressão social etc. Esta experiência de renascimento pode ser acompanhada de um novo ativismo político. Porém, como tal islamização sempre implica numa adaptação do estilo de vida individual, os resultados são perceptíveis para todos (uso de barba para os homens, véu e/ou vestimentas discretas para as mulheres; comida *halal*; jejum no Ramadã etc.), o que reforça a impressão da expansão do islã e do fundamentalismo muçulmano (DEMANT, 2004, 417-18 p.).

O Que é Fundamentalismo?

Segundo Peter Robert Demant, o conceito Fundamentalismo Mulçumano é um *neologismo*. “O fundamentalismo, na verdade, refere-se a um movimento religioso que surgiu a um século dentro do protestantismo norte-americano. Hoje, no entanto, o termo é também usado para movimentos vagamente paralelos em outras religiões”(DEMANT, 2004, 419 p.). Na verdade, se pode definir o termo de outra forma. Segundo os Historiadores Franceses o melhor termo é o *integrismo*. Contudo, há outros como: “O termo islã político é aceitável, assim como *revivalismo islâmico*. Certos autores usam simplesmente o *islã radical* ou *radicalismo islâmico*” (DEMANT, 2004, 419 p.).

Segundo Kalina Vanderlei Silva² e Maciel Henrique Silva, Fundamentalismo:

Desde o fim da União Soviética, no último quartel do século xx, e o consequente dismantelo da divisão ideológica que repartia o mundo em duas esferas, o fundamentalismo religioso tem sido apontado como o principal perigo à nova ordem mundial. Trata-se de tema que vem suscitando intensos debates e, por isso mesmo, não possui um quadro interpretativo único. O termo fundamentalismo se refere a um determinado tipo de interpretação religiosa que procura seguir à risca os preceitos fundamentais e mais tradicionais de dada religião. Há três tipos de básicos de fundamentalismos, todos ligados às grandes religiões monoteístas e imbricados entre si: o fundamentalismo islâmico, o cristão e o judaico. Em que esses tipos de fundamentalismos se aproximam ou se afastam é uma questão interessantíssima, que ajuda a elucidar o próprio conceito (SILVA e SILVA, 2009, 162 p.).

Para os autores o termo Fundamentalismo é um conjunto de ideias simbióticas político-ideológico é complexo, não se pode deixar enganar pelo a mídia tem difundido de maneira tão simplista.

Mas, em geral, todas as formas de fundamentalismo contêm um caráter profundamente reacionário, que se apresenta como a busca por um retorno às origens primitivas e puras de um tempo não corrompido e uma rejeição a inúmeros aspectos da modernidade. Algo, por exemplo, como o que os Talibãs fizeram no Afeganistão, que a família real saudita tenta manter na Arábia, ou que diversos grupos cristãos mantêm nos Estados Unidos e na Europa (SILVA e SILVA, 2009, 162 p.).

Peter Robert Demant, ele opta em trabalhar no seu livro o termo Fundamentalismo Mulçumano, já difundido pelos veículos jornalístico. E havendo estudiosos do assunto como: Nazih Ayubi³ e Oliver Roy⁴.

² Graduada em História, Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora adjunta da Universidade de Pernambuco, atualmente desenvolve pesquisa em colaboração com o Departamento de História Medieval, Moderna e Contemporânea da Universidade de Salamanca, Espanha, é Professora Colaboradora do Mestrado em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e Coordenadora Setorial de Pesquisa da UPE/Campus Mata Norte.

O Fundamentalismo no Cristianismo.

Segundo Peter Robert Demant, para se entender a extensão das raízes do Fundamentalismo Mulçumano. É necessária, uma pequena explicação histórica europeia. O foco do autor: “é antes tornar inteligível o porquê do fundamentalismo no cristianismo e em algumas outras religiões – para depois compará-lo com o surgimento paralelo no islã”(DEMANT, 2004, 420-21 p.).

No século XIX, o Fundamentalismo Protestante era um Movimento Reacionário e Anti-modernista. Na verdade, O Iluminismo, a Revolução Francesa e Industrial aniquilou toda uma Sociedade Conservadora-Religiosa:

Vimos anteriormente que em consequência do Iluminismo e da Revolução Francesa, a religião institucionalizada ficou na defensiva. Paralelamente, a Revolução Industrial causou rápidas mudanças na estrutura social; laços, normas e valores tradicionais tenderam a se dissolver; pensadores iluministas criticaram a hipocrisia do clero e sua ligação com o poder político do antigo regime; cientistas desmentiram a narrativa bíblica. A fé, que por séculos sustentara os seres humanos, dera sentido à sua existência e os ajudara a superar os golpes do destino, estava perdendo sua credibilidade – exatamente num momento em que, devido à turbulência e imprevisibilidade crescentes, a necessidade de uma cosmovisão consistente com as novas condições se fazia mais premente (DEMANT, 2004, 421 p.).

O século é um dos ápices do Cientificismo, que só perderá esse trono após a 1ª Guerra Mundial, devido ao seu morticínio possibilitado pelo aparato tecnológico. Segundo Demant, para Nietzsche “Deus estava morto” (DEMANT, 2004, 421 p.), isso no final do século XIX. Devido, as atrocidades permitidas por Ele. Havendo uma corrente Teológica Progressista, que tentava ressuscitá-lo – parece que as coisas não deram muito certo.

procuraram comprovar que entre a escrita sagrada e a ciência não havia uma verdadeira contradição – contanto que se lesse a Bíblia de maneira simbólica, alegórica, em vez de literal. Havia, porém, um preço a pagar: o *mysterium tremendum* de Deus, ciumento ou carinhoso, mas sempre pessoal, se transformou num Ser Supremo distante que no início deu corda no “relógio cósmico”, mas desde então pouco interveio no mecanismo, causando uma certa sensação de abandono espiritual. Este novo Deus ainda servia para justificar a ordem social existente – por enquanto as “classes perigosas” eram crentes – mas quase já não conseguia mais inspirar ou dar rumo à vida. Tais foram a força e a fraqueza do modernismo (DEMANT, 2004, 421-22 p.).

³ Professor; PHD em Cientista Político; Especialista em Oriente Médio: Política Egípcia; Economia Política; Relações Internacionais.

⁴Filósofo; Especialista em Língua Persa e Civilização; Professor e Diretor de Pesquisa. Suas publicações são sobre diversos assuntos.

O Mundo pós a Morte de Deus, segundo Nietzsche.

O Mundo da década de 1920 ainda respira as consequências da Primeira Guerra, isso reflete em todo o Mundo. Observe a opinião de Paulo Fagundes Vizentini⁵:

A guerra rapidamente atingiu dimensões mundiais e alcançou níveis sem precedentes de destruição e morte, graças à aplicação da tecnologia industrial à produção de armamentos. O conflito, além de não resolver os problemas que levaram ao seu desencadeamento (até mesmo agravou-os), Ainda teve como resultado importante o triunfo socialista na Rússia, que separou um sexto das terras emersas do sistema capitalista e rompeu o sistema internacional (VIZENTINI, 1989, 10-11 p.).

Segundo Paulo Fagundes Vizentini, a década de 1920 o Mundo Liberal Europeu está no ponto que poderia ser conceituado de crise, mas, é um pouco depois disso. As proporções são econômicas; políticas e sociais.

O desemprego. A inflação e a recessão somaram-se a uma intensa mobilização política e a conflitos sociais acentuados, que em alguns países desembocaram em revoluções socialistas (Alemanha e Hungria). O esmagamento sangrento destes levantes não restaurou, entretanto, a estabilidade político-social. Os anos de 1919 a 1923 são marcados pelas graves dificuldades da *reconvocação econômica*. O período de que se estende de 1923 a 1929 ficou conhecido como *os anos da grande ilusão* ou *da falsa prosperidade*, marcados que foram pela recuperação econômica e relativo afrouxamento das tensões sociais (VIZENTINI, 1989, 11 p.).

A primeira Grande Guerra do Século XX derruba muitos cavaleiros importantes no Tabuleiro de Xadrez Europeu. “O conflito enfraqueceu a posição européia no mundo e fortaleceu a dos Estados Unidos, embora a situação não tenha sido claramente percebida na época” (VIZENTINI, 1989, 11 p.). Tudo esse arranjo de acontecimentos atinge traz à tona novos atores secundários. “A guerra legou, especialmente à Europa, uma série de graves problemas. A Questão das minorias nacionais, que havia sido um dos estopins de guerra, acentuou-se com o fortalecimento da consciência nacional e do princípio de autodeterminação dos povos” (VIZENTINI, 1989, 11 p.).

O ponto central a ser entendido é que as Potências Capitalistas põe em prática a Política do Cordão Sanitário, que consiste em isolar em todos os sentidos possíveis a URSS. A Alemanha ganha importância, é um peão importante para ser conquistado por ambos os lados. Sua situação é privilegiada, devido à procura.

A URSS procura então aproximar-se da outra ovelha negra da Europa, a Alemanha de Weimar, através da assinatura de um acordo de cooperação, Tratado de Rapallo, em 1922. Seguem-se tentativas ocidentais de recuperar a A-

⁵Professor de História Contemporânea pela UFRGS. Graduado em História e Mestre em Ciências Políticas pela UFRGS. Pesquisador em História das Relações Internacionais do Terceiro Mundo.

Alemanha economicamente e afastá-la da URSS: o Plano Dawes (1924) investe recursos, sobretudo norte-americanos e ingleses, na Conferência de Locarno (1925) acorda tratados bilaterais de paz, melhorando suas relações com os aliados; em 1926 a Alemanha é convidada à ingressar na SDN (em seu Conselho de Segurança), no seu lugar pretendido pelo Brasil, que se retira da organização; além disso, as condições das reparações de guerra são atenuadas ainda nos anos 20(VIZENTINI, 1989, 12 p.).

Os Tratados de Paz não resolveram os problemas, mas, intensificaram-nos a tal ponto, de ser pedida a sua revisão. E para entender os questionamentos, é preciso ver que o Liberalismo que era o Zênite das Democracias; o Céu da Justiça; o Paraíso das Repúblicas é apenas uma mentira, de quem o discursa e quer a sua manutenção.

A guerra também trouxe a crise da democracia liberal, Já durante os conflitos processou-se uma certa centralização das decisões políticas no aparelho estatal. A desilusão, o ceticismo e incerteza em relação ao futuro, que marcaram o pós-guerra (fim da *belle époque* anterior à 1914), a crise socioeconômica e o temor da elites, a pressão dos grupos financeiros e industriais pelos interesses e a crescente organização operária, levam ao descrédito das instituições liberais e ao ascenso do autoritarismo e do fascismo, que pregam a violência, o nacionalismo expansionista, a ditadura, e que utilizaram amplamente os novos métodos de propagandas de comunicação de massa (VIZENTINI, 1989, 13 p.).

Segundo Paulo Fagundes Vizentini, as Ideologias Antiliberais se tornaram moda diante do descrédito do Liberalismo. Essas Ideologias varreram o Mundo como um tsunami ainda na década de 1920. O Liberalismo não pode dá mais conta dos Governos Autoritários que chegam ao poder.

Já antes da crise de 1929, regimes autoritários e fascistas chegam ao poder: em 1919 na Hungria (Alm. Horthy), em 1922 na Itália (Mussolini), em 1923 na Espanha (Primo de Rivera) e Turquia (Kemal “Ataturk”), em 1925na Albânia (Ahmed Zogu), em 1926 na Polônia (Pilsudski), na Lituânia (Smetona Voldemaras) e em Portugal (Gomes da Costa), e em 1929 na Iugoslávia (onde o rei Alexandre suspende a constituição e organiza um governo autoritário) (VIZENTINI, 1989. 13 p.).

O efeito desse Tsunami Autoritário não atinge só as Metrôpoles Imperiais. “No mundo colonial, a guerra civil europeia repercute como um incentivo às lutas coloniais” (VIZENTINI, 1989, 13 p.). Segundo Dan Cohn-Sherbock⁶ e Dawoud el-Alami, na década de 1920 que, “O Mandato Britânico é concedido à Inglaterra em 1920 na Conferência de San Remo⁷ como uma área para um Estado Judeu”(COHN-SHERBOCK e

⁶Rabino; Judeu Reformista; Teólogo; Professor; Pesquisador; Autor; Editor de livros em: italiano; francês; espanhol; chinês; sueco; turco; persa e alemão.

⁷Relizada de 19-26 de Abril de 1920, em San Remo. Direcionada pelo Conselho Supremo de 1ª Guerra Mundial. Segundo a Sociedade das Nações, A Inglaterra administraria a Palestina e o Iraque a França, a Síria e o Líbano. Confirmam: o acordo Sykes-Picot; A Declaração Balfour.

EL-ALAMI, 2005, 120 p.). Mas, Albert Habib Hourani nos acrescenta outra visão, que datam documentos importantes. Assim, os primeiros vinte anos do século XX pode ser chamado de A Era Dos Documentos. Vejamos outros Documentos citado por Hourani:

(O Acordo Sykes-Picot), de maio de 1916; um documento britânico de 1917, a Declaração Balfour, estabeleceu que o governo via com bons olhos o estabelecimento de um lar nacional judeu na Palestina, contanto que isso não prejudicasse os direitos civis e religiosos dos outros habitantes do país (HOURANI, 1994, 312 p.).

Segundo Peter Robert Demant, as Potências Colonialistas não deixaram nas Colônias uma boa fama, mas, também é inegável o bom fruto dessa colonização. “Ela construíram uma infra-estrutura mais moderna, estimularam a educação e melhoraram o padrão de vida. Na vida comunitária, entretanto, franceses e britânicos praticaram apolítica de “dividir para governar”, com resultados nefastos” (DEMANT, 2004, 191 p.). Em prol da ordem as Potências desarmam o grupo que era a maioria, e em alguns momentos arma uma das minorias, para que esta policie as outras. Esse modo de gerenciar os conflitos frutifica em mais problemas com o passar do tempo.

Assim, armênios, judeus, xiitas, druzos e outros se associaram, na percepção da maioria, aos colonizadores, e se tornaram objeto do ódio da maioria: os muçulmanos. Os resultados, conflituosos, variaram. Os assírios iraquianos foram depois vitimados em pogrons, ataques físicos violentos contra minorias étnicas, enquanto os *alawitas* sírios tomaram o poder após a independência, mas as políticas coloniais posteriormente sempre complicaram a integração das minorias com a maioria numa nação árabe (DEMANT, 2004, 191 p.).

Diante do caos social autóctone causado pelo modo de administrar inglês. A Grã-Bretanha paulatinamente começa a abrir mão do poder colonial. Foi um processo em que coroa teve que sair com alguns arranhões.

Todavia, o processo não foi fácil, por falta de parceiros: os árabes insistiram na independência completa e total, conseguindo-a gradualmente. O Egito foi o primeiro, em 1922, a ganhar a independência, e talvez fosse o caso mais bem-sucedido da estratégia inglesa: a influência britânica continuou predominante na monarquia, e o Canal de Suez se manteve nas mãos da Grã-Bretanha (DEMANT, 2004, 191 p.).

Para Albert Hourani⁸ e Peter Robert Demant concordam que, a Política Inglesa começa a fazer remendos administrativos, ou seja, inicia-se o período de acordos políti-

⁸Foi Professor em várias Faculdades no EUA. Criou a Cadeira sobre Oriente Médio. Seus principais discípulos estudam nas melhores Faculdades do Mundo. Sua obra mais popular é a História dos povos Árabes de 1991.

co-governamentais. Ainda na década de 1920. Eles colocam no trono Faysal e ‘Abdulah filhos do Xarife de Meca Husayn.

Devido à obrigação assumida na Declaração Balfour e repetida no mandato, a facilitar a criação de um lar judeu, os britânicos governa a Palestina indiretamente; mas a leste dela, estabeleceu-se um Principado da Transjordânia, governado por outro filho de Husayn, “Abdullah (1921-51), sob mandato britânico mas sem relação à criação do lar nacional judeu (...). Faysal, que tinha sido expulso da Síria pelos franceses, tornou-se rei no Iraque (1921-33). Sob supervisão britânica e dentro do esquema do mandato; as cláusulas do mandato forma corporificadas num tratado anglo-iraquiano (HOURANI, 1994, 321 p.).

Para Peter Demant “A província espremida entre as fronteiras das esferas otomana e persa nunca gozara de uma independência e, na forma territorial que foi definida nos arranjos pós-guerra, se comprovou uma aberração demográfica quase inviável” (DEMANT, 2004, 192 p.). Segundo Albert Hourani, é importante ressaltar que a divisão território otomano, após a Primeira Guerra Mundial foi outorgada e fiscalizada pela Liga das Nações, órgão que tomaria o nome de Sociedade das Nações (VIZENTINI, 1989, 12 p.), e depois ONU – uma Instituição Supranacional. “De acordo com os termos dos mandatos, formalmente concedidos pela Liga das Nações em 1922, a Grã-Bretanha seria responsável pelo Iraque e a Palestina, e a França pela Síria e o Líbano” (HOURANI, 2001, 321 p.). Segundo Peter Robert Demant, os ingleses abrem mão de poder, em prol de sua própria sobrevivência.

No Iraque, uma tradição parlamentar quase não se desenvolveu – ao contrário do Egito, da Índia e de outras colônias inglesas. Desde que chegou à independência, em 1932, o país conheceu somente a instabilidade. Na mesma época, as tensões cresciam continuamente entre judeus sionistas e árabes palestinos na Palestina, onde a devolução da autonomia era inviável: ela era bloqueada pelos sionistas, que queriam antes obter uma maioria judaica no país, ao mesmo tempo em que era reivindicada pelos palestinos, que se recusavam a compartilhar o poder com os judeus (DEMANT, 2004, 193 p.).

Segundo Peter Robert Demant, o modo de administrar da França era totalmente contrário. “Os franceses eram muito menos abertos à perspectiva de autodeterminação política árabe, portanto a descolonização de suas possessões se deu mais vagarosamente” (DEMANT, 2004, 193-94 p.). Aí não é uma questão de a França ser melhor, mas, apenas, o seu modo de lidar com situações de suas colônias. A Síria é um paradigma de tudo isso.

A Síria, extremamente dividida entre comunidades étnico-religiosas, se tornou o centro do nacionalismo pan-árabe – liderado pelos sunitas – e de protestos contra a partilha do mundo árabe. Para enfraquecê-la, a França separou do corpo sírio o Vale do Bekaa e alguns outros territórios costeiros povoados por muçulmanos, juntando-os ao Monte Líbano: esta região também era de composição complexa – a maioria do campesinato e da burguesia era com-

posta de maronitas e druzos, mas as tensas relações entre eles proporcionaram o pretexto para uma intervenção francesa em 1860. A ampliação do Líbano com novos territórios muçulmanos criou ali um frágil equilíbrio demográfico – garantia de tensões adicionais, que por sua vez justificaram a ordem mantida pela presença francesa. A Síria, obviamente, recusou esta “cirurgia territorial” e nunca aceitou a existência separada do Líbano – tão pouco de seus outros vizinhos árabes, a Palestina e a Jordânia (DEMANT, 2004, 194 p.).

É importante destacar que houve um núcleo de resistência no interior do Mundo Árabe, simplificá-la é um ato de ignorância. E essa resistência se ergue como a fonte do Islã – a Península Árabe. A Inglaterra até influenciou os Portos, devido, a sua localização estratégica. Principalmente, por motivos econômicos.

A Grã-Bretanha tinha grandes interesses no Oriente Médio: que a produção de algodão das fábricas de Lancashire, de petróleo no Irã e depois no Iraque, investimentos no Egito e em outras partes, mercados para produtos manufaturados (...). Havia: também interesses gerais: a presença da Grã-Bretanha no Oriente Médio ajudava a manter sua posição como potência mediterrânea e mundial. A rota marítima para a Índia e o Extremo Oriente passava pelo Canal de Suez. As rotas aéreas pelo Oriente Médio também estavam sendo desenvolvidas nas décadas de 1920 e 1930; uma ia pelo Egito ao Iraque e à Índia, outra através do Egito para a África do Sul. Esses interesses eram protegidos por uma série de bases que reforçavam outras bacias no Mediterrâneo e no Oceano Índico, e eram reforçadas por ela: o porto de Alexandria, e outros portos que podiam ser usados, bases militares no Egito e na Palestina, campo de aviões naqueles países, no Iraque, e no Golfo Pérsico (HOURANI, 1994, 322-323 p.).

Mas, nas regiões desérticas não houve colonização o Hijaz e o Najd “sendo considerados como principados primitivos e pobres demais para justificar uma ocupação ocidental” (DEMANT, 2004, 195 p.).

“O grande desejo Husayn de Meca era se líder de uma Revolução Árabe” (DEMANT, 2004, 195 p.). Na região do Najd, Abdul Aziz, um líder tribal, que organiza uma frente militar os Sa’ud e os Wahhabitas⁹, no foco de exterminar com as cidades religiosas do Hijaz. “Ali destruíram os túmulos de santos e depois o de Maomé, venerados no islã popular, mas considerados pelos *wahhabitas* como superstições” (DEMANT, 2004, 195 p.). Abdul Aziz junta a sua coalizão os *wahhabita* dos *Ikhwan*, e expandi: “ele conquistou o Hijaz em 1924 e expulsou Hussein dos lugares sagrados. Nos anos seguintes, expandiu seu controle sobre os outros xeiques de quase toda a península, estabelecendo em 1932 a monarquia absolutista da Arábia Saudita. O Novo Estado se

⁹ “seguidores do pregador puritano Muhammad ibn Abd al-Wahhab (1703-1792) são uma seita muçulmana extremista que no começo do século XIX conseguira, numa aliança com os líderes sauditas do Najd, conquistar as cidades sagradas do Hijaz” (DEMANT, 2004, 195 p.).

tornou o exemplo precoce de um regime fundamentalista” (DEMANT, 2004, 195-96 p.).

O Estado Novo tinha inspiração dos Ikhwan vem de Maomé e seus Companheiros. São beduínos; são leais a descendência Sa’ud; é uma Estado Militar Ultrapuritano; é um conjunto de Comunas; são Conservadores , e desconfiam de tudo e de todos. Acaba se tornando um Estamento Religioso.

Os ulemás bloquearam até mesmo a introdução do rádio, considerado por eles uma invenção do diabo – pelo menos até Ibn Sa’ud mostrar que ele também podia transmitir o Alcorão, a palavra de Deus. Desde essa época, as tendências conflitantes entre conservadores (liderados pelos ulemás) e modernizadores (apoiados por partes da família real) determinam os parâmetros da política saudita (DEMANT, 2004, 196 p.).

11

A partir da década de 1930, as coisas vão tomando novos contornos e proporções. Na Arábia Saudita foi descoberto petróleo. Redimensiona-se, o lugar que parecia não ser tão interessante e atraente, era apenas um monte gigantesco de areia. Passa uma fonte de acordos econômicos e militares – a Arábia, agora, tem um trunfo chamado: petróleo.

Entretanto, em 1933, reservas gigantescas de petróleo foram descobertas no deserto e o potencial estratégico da Arábia Saudita aumentou. Na Segunda Guerra Mundial, ainda que Ibn Sa’ud mantivesse a neutralidade, a influência norte-americana cresceu. A companhia petrolífera Aramco se tornou o canal de um acordo que garantia acesso norte-americano desenfreado à maior fonte petrolífera do mundo. Posteriormente, os EUA se comprometeram a proteger militarmente a monarquia contra tribos concorrentes e outros inimigos internos e externos. O acordo se mantém até hoje (DEMANT, 2004, 196-97 p.).

Contudo, não tem como negar que: a própria ciência tomou o lugar da religião: “afinal, essa ciência, emblema da modernidade, era o que possibilitava todos os avanços tecnológicos, médicos etc., que prolongaram e tornaram mais controlável e agradável a vida aqui na Terra”(DEMANT, 2004, 422 p.). A Modernidade ele é sustentada pela Ciência em todos os sentidos; é o seu principal pilar; é uma ideologia modernidade e seu esteio. Todavia, em meio a esse Paraíso do Cientificismo do Novecentos, o Século XX, testemunha o colapso do Cientificismo em a uma Tempestade de Ventos Infernais. As Guerras Mundiais e todas as Ideologias Totalitárias como: o Fascistas e Nazismo.

Paulo Fagundes Vizentini:

A década de 1930 marca, além da Alemanha, o ascenso ou radicalização de novos regimes fascistas e ditaduras conservadoras: entre 1930 e 1938 na Romênia (Rei Carol II), em 1932 na Hungria (Horthy implanta estruturas políticas fascistas), em 1933 na Áustria (Dollfus) e em Portugal (Salazar), em 1934 na Letônia (Karlis Ulmanis), na Estônia (Konstatin Paets), na Bulgária (Rei Bóris), em 1936 na Grécia (General Mexátas), entre 1936 e 1939 na Es-

panha (Guerra Civil vencida por Franco) e na Finlândia e movimento fascista Lapua influencia decisivamente as reformas autoritárias do governo. Também quase todos os países latino-americanos tornam-se ditaduras. O liberalismo sobrevive apenas na Europa nórdica e noroeste, bem como na América do Norte (VIZENTINI, 1989, 20 p.).

Segundo Peter Robert Demant, o jeito de administrar europeu sobre o Oriente Médio é um fracasso, pois, favorece a uma Elite Minoritária, que implante um Governo Parlamentarista-Liberal – não em todo o Oriente Médio, mas, em boa parte. Para Albert Hourani, o surgimento de uma Elite Nativa Colaboracionista com os Colonizadores.

No Magreb, surgira o que era a essa quase uma nação separada de colonos: a elite superior podia pertence social e culturalmente à França metropolitana, mas a massa de *petit blancs* era diferente. De origem mista italiana, espanhola e francesa, em grande parte nascidos no Magreb, falando um francês próprio, não muito à vontade na França, conscientes de um mundo estrangeiro e hostil à sua volta, que o mesmo tempo os atraía e repelia, voltavam-se para a França que ela protegesse os interesses deles, que podiam ser diferentes dos interesses maiores dela (HOURANI, 1994, 328 p.).

A terceira década do século XX é descortinada que os Regimes Direitistas: Fascista Italiano e Nazista Alemão foram paradigmas para os anseios Nacionalistas Árabes eles radicalizaram suas Ideologias. Foi um conjunto de fatores que determinou essa simbiose ideológica, que resulta no: Nazi-Fascismo Nacional Árabe.

Vários fatores se combinaram para criar esse pólo de atração. Aposição das potências europeias revisionistas, insatisfeitas com o desfecho da Primeira Guerra Mundial e com a Paz de Versalhes, antibritânica e antifrancesa de antemão, encontrou eco entre os árabes: o princípio universal das relações internacionais de que “o inimigo de meu inimigo é meu amigo” facilitou a aproximação. Além disto, o antissemitismo nazista encontrou ali solo fértil, em vista da luta que se travou entre árabes e judeus pelo controle da Palestina (DEMANT, 2004, 197-98 p.).

Segundo Edda Saccomani, Fascismo é:

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais (BOBBIO, MATEUCCI e PASQUINO, 1998, 466 p.).

Segundo Paulo Fagundes Vizentini:

A ideologia do fascismo italiano aglutina-se em quatro postulados principais: O primado do Estado, que nega o indivíduo com instância política, defendendo um Estado forte centralizado (segundo Giovanni Gentile¹⁰, ideólogo do fascismo, totalitário); o primado do chefe, procura legitimar a centralização da autoridade numa liderança unipessoal (o Dulce tem sempre razão); o primado do partido, que se vincula às questões ideológicas, propagandísticas e de mobilização popular. E finalmente o primado da nação, que constitui o elemento nacionalista e patriótico, destinado a conduzir a Itália ao nível das grandes potências mundiais, com fins expansionistas (VIZENTINI, 1989. 16 p.).

Segundo Andrew Heywood¹¹,

O Fascismo é uma ideologia difícil de analisar, (...) é difícil aceitar que uma fórmula de uma só frase possa sintetizar um fenômeno tão disforme quanto a ideologia fascista. Talvez o melhor que se possa conseguir seja identificar uma série de temas que, quando considerados em conjunto, constituíam a base estrutural do fascismo. Os mais importantes são: o antirracionalismo; a luta; a liderança; o socialismo; o ultranacionalismo (HEYWOOD, 2010, 208 p.).

Prosseguindo como Heywood, (...) o Nazismo: “retratava o mundo em termos pseudorreligiosos e pseudocientíficos, como uma luta pela dominação entre os alemães e judeus, expressando respectivamente, as forças do “bem” e do “mal” (HEYWOOD, 2010, 224).

Segundo Peter Robert Demant, a simbiose ideológica não foi mero jogo de xadrez. Havia uma igualdade ideológica: “O modelo da mobilização nacional totalitária de tipo alemã agradou ao nacionalismo pan-árabe. Como o nacionalismo alemão, o pan-arabismo ou *qawmiyya* é um nacionalismo étnico que pretende reunir todos os integrantes da nação, por mais dispersos que estejam sob um único teto político” (DEMANT, 2004, 198 p.). Ainda que, sem território eles classificam uma série de características para construção de um Nacionalismo. Os critérios eram pontos inalteráveis no tempo, e na geografia: “língua, ancestralidade, tradições” (DEMANT, 2004, 198 p.).

A visão de Eric Hobsbawm¹² sobre Nacionalismo. “A base dos nacionalismos de todos os tipos era igual: era presteza com que as pessoas se identificavam emocionalmente com a sua nação e podiam ser mobilizadas (...), o nacionalismo não se identificava necessariamente com nenhuma das cores do espectro político” (HOBSBAWN, 1988,

¹⁰Filósofo Italiano; Neoliberal; Neo-Hegeliano. Fundou com Benedetto Croce a Revista *La Critica*; Pedagogo; Ativista Político; É considerado por muitos como o Pai da reforma Educacional Fascista Mussoliniana.

¹¹É Vice-Diretor da Faculdade de Croydon, e ex-chefe do Departamento de Ciências Políticas da Faculdade Orprington, ambas na região metropolitana de Londres, Inglaterra.

¹²Nascido em Alexandria em 1917, E. J. Hobsbawm foi educado em Viena, Berlim, Londres e Cambridge. Lecionou, na maior parte de sua carreira, no Birbeck College, da Universidade de Londres.

204 p.). Para Andrew Heywood, o Nacionalismo conseguiu como ideologia a adaptar-se a mutações mais complexas possíveis sendo difícil até conceituá-lo. Mais se tornou tão popular que é uma dos responsáveis por redesenhar a geografia européia do século XIX. Essa popularidade que dissemina “bandeiras, hinos, poesia, literatura patrióticas, cerimônias públicas e feriados nacionais” (HEYWOOD, 2010, 151 p.). Do final do XIX para frente, o Nacionalismo tomou outros rumos, deixou de ser uma Ideologia Liberal, e passou a ser sinônimo de: “coesão social, ordem, e estabilidade” (HEYWOOD, 2010, 151 p.). A conclusão de Heywood para Nacionalismo:

O Nacionalismo tem um caráter político esquizofrênico. Em épocas distintas, foi progressista e reacionário, democrático e autoritário, racional e irracional, de esquerda e direita. Também teve associado a quase todas as mais importantes tradições ideológicas. Cada qual à sua maneira, liberais, conservadores, socialistas, fascistas e até mesmo comunistas foram atraídos para o nacionalismo; talvez apenas o anarquismo, em razão de sua completa rejeição do Estado, tenha uma incompatibilidade fundamental com o nacionalismo. Ainda assim, embora as doutrinas nacionalistas tenham sido usadas por uma grande variedade de movimentos políticos e associadas a causas políticas por vezes diretamente opostas, é possível identificar um substrato de ideias e políticas nacionalistas. As mais importantes são: a nação; comunidade orgânica; autordeterminação; política identitária (HEYWOOD, 2010, 153 p.).

Essa ideologia Pan-Árabe teve idealizadores: Sati al-Hursi¹³; Michel Alflaq¹⁴; Sallahuddin Bittar¹⁵. E arrasta consigo dentre os grupos mais importantes: jovens, Intelectuais e Pequenos burgueses. Principalmente, entre a 1º e a 2ª Guerra Mundial, e não tarda em chegar ao poder nos anos de 1950-60: “no Egito de Nasser, na Síria e no Iraque do Partido Ba’ath, por exemplo,” (DEMANT, 2004, 199 p.). Segundo Peter Robert Demant, assim, a partir dessa data o Pan-Árabismo deixou suas características ideológicas mais transparentes, e uma delas era o *Monismo*. É doutrina da Intolerância em relação às diferenças étnicas, um Nacionalismo Chauvinista, e ao mesmo tempo, prega a união árabe mediante a língua e a História Sagrada Comum Muçumana. E ignorava as diferenças. Já para Nicola Abbagnano¹⁶ o *Monismo* é:

MONISMO (...) Wolff chamava de "monistas" os filósofos "que admitem um único gênero de substância" (...), compreendendo nessa categoria tanto os materialistas quanto os idealistas. Porém, conquanto algumas vezes tenha sido usado para designar estes últimos ou pelo menos algum aspecto de sua doutrina, esse termo foi constantemente monopolizado pelos materialistas; quando usado sem adjetivo, designa o materialismo. Isso se deve provavelmente ao fato de ter sido adotado por um dos mais populares autores de obras

¹³Poliglota; Pedagogo; Ministro da Educação; Diretor Geral da Educação; Nacionalista Árabe Romântico.

¹⁴Líder político Sírio; encabeçou o Movimento Árabe Nacionalista; Ideólogo e Organizador do Partido Ba’ath. Liderou: a RAU, ou seja, República Árabe Unida.

¹⁵Ativista Político e co-fundador do Partido Ba’ath. Chegou a ser Presidente, e desempenhou outros cargos.

¹⁶Professor; Historiador e Filósofo. Fundou um ao lado de Norberto Bobbio.

materialistas, o biólogo Ernst Haeckel (*Der Monismus als Band zwischen Religion und Wissenschaft*. 1893). Nesse sentido, o termo foi empregado no nome da Associação Monística Alemã (*Deutsche Monistenbund*), fundada em 1906 por Haeckel e por Ostwald, bem como no título de uma das mais antigas revistas filosóficas americanas, *The Monist*, fundada em 1890 por Paul C. Kanis (ABBAGNANO, 2007, 681 p.).

Em nome do Pan-Arabismo suplantava diferenças, que todo o território por mais que seja em qualquer etnia acaba ocorrendo. É uma Nova Partilha, com paradigmas, mas, não deixou de fazer estragos como a partilha colonial.

Além disso, a partilha colonial criou novas unidades administrativas, artificiais, cujos quadros burocráticos e militares desenvolveram interesses e uma identidade comuns ao longo das décadas. Por negar as diferenças inegáveis dentro das populações árabes, o pan-arabismo se despojava de meios para integrá-las ou suavizá-las. O fiasco da República Árabe Unida, experimento de unificação entre o Egito e a Síria entre 1958 e 1961, decorreu dessa lacuna (DEMANT, 2004, 199-200 p.).

O Pan-Arabismo também intolerante a minoria, ou seja, é um Nacionalismo Excludente.

O pan-arabismo negava direito ou proteção a minorias não árabes que vivem em seu seio – berberes, judeus, curdos, armênios, entre outros. Várias dessas minorias desenvolveram seu próprio nacionalismo e a tolerância tornou-se difícil de ser praticada. Onde o pan-arabismo chegou ao poder, ele centralizou fortemente sua autoridade. Em certos casos, discriminou ou perseguiu minorias. A incompatibilidade entre sionistas e nacionalistas árabes, e entre estes e os curdos, são dois exemplos conhecidos (DEMANT, 2004, 200 p.).

O Pan-Arabismo é Autoritário. Ele bebeu do Socialismo, que gera um fruto chamado Socialismo Árabe. Era Antidemocrático. O que materializava vontade do povo era o Partido. Surgem Ditaduras: opressoras, monolíticas e brutais. Esses Regimes com o tempo começaram desmoronar.

Os regimes pan-árabes sofreram do desgaste que fatalmente acompanha regimes que precisam usar grande proporção de seus recursos na repressão interna e nas agressões externas, e que carecem dos mecanismos homeostáticos autocorretores, que são o segredo do sucesso das democracias: igualdade frente à lei, acesso à participação política, separação dos poderes entre outros (DEMANT, 2004, 201 p.).

O Pan-Arabismo é Secularista, ou seja, Nacionalista Secular. “O pan-arabismo enfrentava no islã um desafio que não sabia assimilar” (DEMANT, 2004, 201 p.). É um Nacionalismo do cotidiano: “O nacionalismo secular sempre manteve um relacionamento incômodo com a religião, louvando-a apenas na aparência, mas nunca levando a sério suas reivindicações com receio de afetar sua própria legitimidade” (DEMANT, 2004, 202 p.). O Pan-Arabismo ideologicamente não estava sozinho, e tinha concorrências dos patriotismos locais, que cada era a manifestação. Segundo Andrew Heywood, “pa-

triotismo: “literalmente, amor à pátria, vínculo psicológico e lealdade à nação ou ao país” (HEYWOOD, 2010, 150 p.). E os ideólogos do Nacionalismo Territorial usavam-no como uma ferramenta de lealdade e patrimônio histórico local. Em prol do Conservadorismo.

No Egito, por exemplo, o autor Taha Hussein¹⁷ preconizou o caráter faraônico de seu país, considerando a ligação com o mundo árabe e muçulmano como acréscimos históricos contingentes (os pan-arabistas replicariam que as múmias estavam mortas e os árabes vivos). Já o libanês Antoine Saadeh propunha um fenicianismo, localizando a identidade autêntica de sua nação numa “sirianidade” que englobava as tradições aramaicas antigas de Tiro e Damasco (DEMANT, 2004, 202-203 p.).

Segundo Peter Robert Demant, o Pan-Arabismo foi um Nacionalismo Excludente, que se aproxima do Chauvinismo. “Num período mais próximo ao nosso, o ditador iraquiano pan-arabista Saddam Hussein tem se utilizado também de motivos *watanis* – nesse caso, mesopotâmicos – comparando-se imodestamente a Sargão, Hamurabi e Assurbanipal” (DEMANT, 2004, 203 p.). O Pan-Arabismo ele é desapontador para parte da Sociedade, e esse espaço ideológico fica a espreita do Islamismo. Isso tudo começa com o fracasso do Nacionalismo Secular.

Na realidade, o islã parece se perder um pouco (com a exceção da Arábia Saudita) no panorama ideológico do Oriente Médio muçulmano do entre guerras até os anos 1960. Essas décadas, em retrospectiva, parecem constituir o auge do secularismo nessa parte do mundo muçulmano. Um islã político, islamista ou fundamentalista no sentido atual ainda não existia, e mesmo o islã modernista era relativamente minoritário (DEMANT, 2004, 203-204 p.).

No período entre as Grandes Guerras, se vê no Egito um dos primeiros exemplos em que a Modernidade começa a solapar até a morte a Tradição religiosa. No final da década de 1920, mais precisamente de 1928. Materializa-se um dos primeiros exemplos do Radicalismo do Islã.

Em 1928, Hassan al-Banna¹⁸ (1906-1949), um devoto professor na cidade de Ismailia, próxima ao Canal de Suez e, portanto, sob controle britânico, estabeleceu a Irmandade Muçulmana (*al-Ikhwan al Muslimun*) para combater a influência ocidental, preponderante nessa época no Egito. Banna era um reformista mais radical que Ridda, insistindo no Alcorão e em alguns poucos *hadiths* como únicas fontes de autoridade. Mas, ao contrário do seu mestre, levava a sério o ideal de restabelecer a sociedade islâmica – não apenas pelo paciente trabalho educacional num quadro colonial, mas também rejeitando a presença do Ocidente no Egito, e defendendo, se necessário, o uso da violência (DEMANT, 2004, 204 p.).

¹⁷Escritor; Intelectual; Teólogo; Nacionalista; É chamado de Decano da Literatura Árabe; Membro do movimento Egípcio Renascentista e Modernista.

¹⁸Militante e fundador da Irmandade Muçulmana; Escritor; Ideólogo Político. A Irmandade Muçulmana é matriz de outros grupos como: Al-Qaeda; Hezbollah e Hamas.

Portanto, o caminho do Islã que era apenas religioso. Toma forma política, a tal ponto de iniciar um molde islâmico social. A Irmandade tinha algumas subdivisões Institucionais, que tinha grande abrangência administrativa –, e que transporta o Islã de uma simples Irmandade a um Movimento de Massa que incomoda os WAFD¹⁹. A Irmandade mantém um Governo ordenado até 1948, onde entra colapso, devido a vários motivos.

Quando o regime se desestabilizou em 1948, após a derrota da intervenção egípcia na guerra contra Israel, as autoridades reprimiram a Irmandade. Banna morreu assassinado, apesar dos “irmãos” terem participado ao lado de soldados nacionalistas nessa campanha catastrófica. De sua frustração compartilhada surgiu, em 1952, a Revolução dos Oficiais Livres. A Irmandade Muçulmana foi parcialmente integrada ao novo regime, mas de suas centelhas radicais surgiria o fundamentalismo sunita contemporâneo (DEMANT, 2004, 205 p.).

Segundo Demant, a conclusão ideológica é a seguinte:

O panorama ideológico do Oriente Médio muçulmano apresenta, portanto, três ideologias dominantes desde o entre guerras. As duas inicialmente predominantes são seculares: o pan-arabismo, não territorial, e os patriotismos territoriais. (Poderíamos acrescentar uma terceira ideologia secularista: o comunismo, que nos anos 1950 e 1960 conseguirá mobilizar setores proletários, intelectuais e minorias cristãs e judaicas no Egito, no Iraque e em áreas próximas; mas a abrangência de seus seguidores nunca chegou à amplitude necessária para desafiar as ideologias rivais.) Há, além dessas, um projeto religioso, enérgico mas minoritário, a Irmandade Muçulmana (DEMANT, 2004, 205-206 p.).

Para o autor, diante dessa miscelânea ideológica é difícil identificar uma identidade. Pois, o Pan-Arabismo não idealizava a integração das minorias. “O que parecia óbvio, no entanto, era que o futuro seria rumo à modernização. Poucos observadores teriam antevisto a emergência e a hegemonia ideológica de uma religiosidade politizada e frontalmente antimoderna” (DEMANT, 2004, 206-07 p.).

Segundo Peter Robert Demant, a 2ª Guerra Mundial ele foi o tempero que o Oriente Médio precisava para efetivamente ser um campo de batalha.

Os nazistas cobiçaram o petróleo e os Aliados, por sua vez, tentaram protegê-lo. A estratégia do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) foi alcançar essa fonte, cuja possessão decidiria possivelmente a guerra, por meio da conjunção de duas frentes armadas: a primeira, forçando seu caminho pela África do Norte através do Egito em direção ao leste; a segunda, indo da Rússia através do Cáucaso em direção ao sul. Caso tivesse tido êxito, a aniquilação da comunidade sionista na Palestina não teria sido mais do que uma nota de rodapé na história (DEMANT, 2004, 207 p.).

Para Demant, a Modernidade tem todos os seus pontos peculiares de extremos como:

¹⁹ “Partido Nacionalista-Burguês” (DEMANT, 2004, 205 p.).

Ela produzia indústrias poluidoras de rios e mares, bombas nucleares e altas taxas de divórcio; mas também a penicilina, a proibição da escravidão e da tortura, o voto e a previdência social, o homem caminhando sobre a Lua, o aparelho de som, o vídeo e o computador que traziam a arte, a música, a educação e as notícias do mundo inteiro para milhões. O otimismo talvez ingênuo que acompanhava esta visão está hoje gravemente desgastado: a modernidade é atualmente questionada até nas potências ocidentais. Um certo vazio espiritual nos torna vulneráveis, em particular quando as promessas da modernidade secular começam a decepcionar. Havia no mundo um amplo grupo que nunca vivenciou a modernização como emancipação, mas sim como perda, alienação ou vitimação: camponeses que já não podiam se sustentar nos campos, lojistas e varejistas que perderam a luta contra supermercados, funcionários e servidores supérfluos por causa do declínio da nobreza e pela centralização das administrações, entre muitos outros. Além disto, havia os grupos geograficamente periféricos, que a necessidade punha em contato com o centro econômico – que em geral era também o foco da modernidade, mas que não se beneficiavam da troca desigual. Tratava-se, enfim, de gente que se mantinha acima dos pobres mediante certos sinais de prestígio: se identificavam com aqueles a quem serviam e tendiam para posições conservadoras. Na visão marxista, são os pequeno-burgueses (DEMANT, 2004, 424 p.).

A Modernidade nunca foi um Paraíso como sempre pregado, o desarranjo sócio-econômico deixa uma esperança para as ideologias de Extrema Direita arrumar o caos, ou que lembrassem o Conservadorismo. As camadas que mais sofreram como o impacto da transformação social desejava uma reorganização segundo Ferdinand Tönnies²⁰. Desses grupos difundiram: O Nacionalismo Extremista, que se materializou no Fascismo já citado. E o Fundamentalismo Religioso. Segundo Silva e Silva:

Cronologicamente, o primeiro fundamentalismo a surgir foi o cristão, que inclusive deu nome a esse tipo de pensamento e ação. Segundo Sergio Paulo Rouanet²¹, o fundamentalismo cristão tem uma vertente católica, chamada de integrismo, caracterizada pelo conteúdo antiliberal e antimoderno do Syllabus, do papa Pio IX, encíclica datada de 1864. Mas foi no protestantismo americano que o fundamentalismo cristão floresceu. A origem do termo fundamentalista está na publicação nos EUA dos doze fascículos da obra *The Fundamentals* (1909-1915), que postulava a virgindade de Maria, a infalibilidade da Bíblia e cujo texto afirmava a literal verdade divina, a divindade de Cristo, sua morte e ressurreição e a salvação da alma pela fé. O movimento, de caráter eminentemente conservador, ainda é bastante atuante e se opõe ao intelectualismo, chegando até mesmo a proibir, em certos Estados americanos, o ensino da teoria científica da evolução. De modo aparentemente contraditório, o movimento se expandiu com o auxílio de avançados meios tecnológicos de comunicação de massa, aumentando sua influência política. Além disso, durante a Guerra Fria, por exemplo, sobretudo a partir de 1960, esse movimento protestante combateu o Comunismo, e hoje combate o aborto e o homossexualismo (SILVA e SILVA, 2009, 161 p.).

²⁰Sociólogo; Alemão; Escritor e Fundador do Instituto de Alemão de Sociologia.

²¹Diplomata; Secretário da Cultura do FHC; Ensaísta; Tradutor; Professor Universitário e membro da Academia Brasileira de Letras, desde 23 de Abril de 1992. Tendo recebido o Prêmio Houaiss.

Para Demant é nos EUA que o Fundamentalismo se ergue como uma Ideologia Conservadora Religiosa, de verdade não como o modernismo prega. É um estilo da vida.

a veracidade absoluta da Bíblia, que deve ser entendida literalmente; a necessidade de conduzir uma vida virtuosa, com rezas e rituais regulares, rejeitando as tentações e a permissividade associadas à grande cidade e enfatizando valores familiares; uma reafirmação de dogmas tais como a volta de Jesus Cristo e o último julgamento; um compromisso com um estilo de vida frugal, modesto e trabalhador (DEMANT, 2004, 425 p.).

O que acabou ocorrendo foi em meio a essa efervescência houve um simbiose entre o Cristianismo e o Fundamentalismo. O advento do fim do Mundo é esperado, e uma minoria será livrada do julgamento. Os Fundamentalistas causam divisão dentre os sectários. Navegam do isolamento ao proselitismo, mas, comumente são contra ao Secularismo.

Os detalhes teológicos das várias formas fundamentalistas norte-americanas – que se encontram tanto em alas reacionárias de Igrejas estabelecidas tais como os metodistas e os batistas quanto em congregações evangélicas separadas mais extremas, como os mórmons, os pentecostais e os adventistas – são menos relevantes aqui. Basta dizer que esses grupos tiveram um êxito muito maior do que se pensa em geral, constituindo hoje aproximadamente um quarto da população norte-americana e exercendo uma enorme influência política, não apenas em questões internas – as orações escolares, o direito ao aborto, a liberdade de portar armas, a pena de morte etc. – como também em decisões internacionais, inclusive aquelas com relevância para o Oriente Médio e o mundo muçulmano (DEMANT, 2004, 426 p.).

O Fundamentalismo em outras religiões.

Segundo Peter Robert Demant, o Fundamentalismo está localizado em várias religiões, não está localizado, ou preso em apenas em uma: “no judaísmo, no hinduísmo, no sikhismo, até no budismo e, evidentemente, no islã” (DEMANT, 2004, 427 p.). O Mundo Oriental se tornou Ocidental, inda que um pouco depois – e havendo partes resistentes. A Modernização foi devastadora com o Conservadorismo.

No entanto, essa modernização não foi acompanhada de uma emancipação social ou política como na Europa ocidental e na América do Norte, mas da perda da autodeterminação. Na época do imperialismo, a colonização significou, em muitas regiões, uma transformação negativa da sociedade e economia nativas. A colônia foi forçada a entrar num ciclo de dependência para com a metrópole, do qual ela só conseguiu sair com muita dificuldade (DEMANT, 2004, 427 p.).

As dependências geram um crescimento forçado das Colônias, é como os pais permitissem em uma era conservadora que seus filhos saíssem de casa sem nada, emprego ou até poupas. As ex-colônias tiveram que se reinventarem. A dura pena, sem

perda tempo, velozmente. Entram em cena, os Intelectuais Nativos ou de Escola Ocidentais das Colônias – serem os arautos do Povo; uma espécie de bússola em meio a essa tempestade, para guiá-los no mar revolto pós-independência.

Esse processo era sempre penoso, pois se dava num contexto de derrota. Era inevitável se chegar a uma de duas conclusões: ora a própria civilização não estava à altura do desafio, ora as forças autóctones não usaram corretamente os recursos da própria tradição. Para retomar o controle sobre o próprio destino coletivo, os seguidores da primeira conclusão optaram por descartar a tradição nativa e se agarrar à ocidentalização: eis a opção modernista. A segunda conclusão levou a rejeitar a modernização ocidental e abraçar a própria tradição mais fortemente: a opção tradicionalista. Havia também aqueles que tentavam combinar o melhor de ambas orientações, opção que em geral se manifestava na forma mista de “adotar técnicas ocidentais mas preservar os valores da civilização própria”. Veremos que o fundamentalismo muçulmano constitui um tipo específico desta última fórmula (DEMANT, 2004, 428 p.).

A Expansão Ocidental deixa sem saída as Sociedades Conservadoras atingidas, não havia alternativa, ou muda, ou muda, ou morre. Isso foi uma realidade para todas as Nações não-Ocidentais. “Por exemplo, o primeiro país a enfrentar o impacto do Ocidente foi a Rússia sob a modernização forçada introduzida pelo czar Pedro, o Grande, já no começo do século XVIII: desde então e até a nossa época os russos se debatem entre opções opostas, a eslava e a ocidental” (DEMANT, 2004, 429 p.).

Segundo Peter Robert Demant, a China Confucionista não foi pária para os *Demônios Brancos*, esse sistema filosófico-político-imperialista sucumbiu. Uma das principais bases do Império Chinês caiu. Não se mantém mais de pé no século XX.

Intelectuais chineses, tanto aqueles ligados ao regime quanto os opositores, não conseguiram mais deduzir da velha teoria chinesa lições para expulsar os estrangeiros e restaurar a independência. O regime entrou em colapso, e a maioria dos pensadores e políticos chineses acabou adotando ideologias ocidentais, dentre as quais o marxismo, que se mostrou a mais efetiva para reconquistara soberania (DEMANT, 2004, 429-30 p.).

No Japão as coisas aconteceram por pressão, *isto é*, de maneira violenta e vitoriosa. O Governo se Ocidentalizou. Enquanto isso, na Índia, os Hindus não deram mão a Elite Nativa.

a administração colonial inglesa foi menos brutal do que em muitas outras colônias, permaneceu por mais tempo e, ao lado da exploração econômica e da sua prepotência racista, introduziu uma modernização não meramente física (irrigação, instalações portuárias etc.) mas também institucional e intelectual. O resultado desses vetores opostos foi um nacionalismo a meio caminho entre a exclusiva ocidentalização e o tradicionalismo hindu (DEMANT, 2004, 429 p.).

Segundo Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Maciel, o Fundamentalismo se define da seguinte maneira:

O fundamentalismo islâmico, por sua vez, surgiu em oposição à influência modernizante e ocidentalizante implementada a partir do imperialismo europeu do século XIX, tomando, assim, a forma de resistência cultural. Atualmente há várias tendências desse fundamentalismo, e entre elas há algumas mais radicais que pregam a luta armada para atingir seus objetivos. Mas, em geral, o fundamentalismo islâmico postula um retorno pacífico às origens religiosas do Islã e uma reforma dos costumes e da sociedade a partir da “sharia”, da lei do Corão. Foi no contato com o Ocidente que se originou a opção islâmica pelo retorno mítico ao passado, pela opção antimoderna e tradicional, que prega o retorno às glórias passadas de sua sofisticada civilização. Assim, o pensamento fundamentalista ganhou apoio entre vastas camadas populares, em diferentes países onde o Islã é a religião predominante, por prometer para o futuro a mesma glória do passado, por meio do reavivamento da *turath* – termo traduzido livremente como tradição. Esse reavivamento, no entanto, chocou-se primeiro contra o próprio pensamento árabe modernizante, que via a Europa como um desafio, e arquitetava maneiras de, sem abandonar a cultura islâmica, vencer no jogo dos europeus, desenvolvendo um processo de modernização das sociedades muçulmanas (SILVA e SILVA, 2009, 163 p.).

Mesmo, com o distanciamento inglês do sionismo. Não acalma os Movimentos Nacionalistas. Ainda, em 1939 houve uma contaminação ideológica dos Movimentos Nacionalista de formal, quase que geral, a Instituição Política Partidária intitulada Ba’ath, segundo Demant. Torna-se uma Instituição Ativista do Eixo. É contaminada por essa ideologia. É a mais notável - acrescentar que, a Instituição tinha um conjunto de motivos para se tornar adepta a essa ideologia.

Os movimentos nacionalistas, principalmente o Partido Ba’ath (Renascimento), tinham muitos motivos para suas inclinações pró-Eixo: a queda da França e a fraqueza britânica frente a Hitler só incentivaram a agitação nacionalista no Oriente Médio. Para evitar o alinhamento da Pérsia com o Eixo, a URSS e a Grã Bretanha forçaram a demissão do xá, admirador confesso de Hitler, e o país foi ocupado pelos Aliados. Em 1941, um golpe colocou uma conspiração militar pró-nazista no poder no Iraque. Somente após um ano a Grã-Bretanha conseguiu derrubá-la. Algo parecido poderia facilmente ter acontecido no Egito. Porém, em 1942, o destino da guerra mudou, e os alemães foram derrotados em El Alamein. A vitória aliada poupou os árabes de uma ocupação nazista. Mas o preço em troca foi amargar a presença militar reafirmada das potências ocidentais (DEMANT, 2004, 207-208 p.).

Segundo Ali A. Mazrui²² e Christophe Wondji, um fenômeno ideológico que não pode ser esquecido é o Pan-Africanismo e seus Congressos que contribuíram para melhor do Continente Africano e um os Negros do Mundo. Pois, Malcon X bebe um pouco dessa ideologia que acaba chegando aos EUA e Europa.

O movimento pan-africanista conheceu uma nítida inflexão em suas atividades na América e na Europa após a realização do Congresso Pan-Africano de Nova Iorque, no ano 1927. Contudo nos anos 1930, ele reagiu vigorosamente à agressão da Itália contra a Etiópia (1935- 1941) e a ascensão do fascismo na Europa. Esta reação manifesta especialmente na Europa e na América condu-

²²Cientista Político; Professor Universitário; Escritor; Chanceler e Filósofo.

ziu a um aprofundamento da doutrina e a uma ampliação das atividades, as quais se expressariam durante o Congresso Pan-Africano de Manchester, em 1945, e contribuiriam para a derrubada do sistema colonial e para a conquista das independências, nos anos 1950 e 1960. A agressão contra a Etiópia colocou em espetacular evidência a dependência da África em relação à Europa, assim como a hesitação e a ineficácia (MAZRUI e WONDJI, 2010, 852 p.)

Da Segunda guerra Mundial aos nossos dias.

Para Peter R. Demant, a partir de 1939 a História do Oriente Médio Muçulmano. Traduz-se na “história do fracasso do desenvolvimento” (DEMANT, 2004, 208 p.). Portanto, a descolonização nunca foi uma reconstrução sócio-político-econômica. Para Paulo Fagundes Vizentini, “é em 1939 que as ambigüidades da diplomacia triangular (EUA, Grã-Bretanha e França; Alemanha, Itália e Japão; URSS) ficam mais evidentes”(VIZENTINI, 1989. 33 p.).

Essa história se pontua por alguns anos-chave e muito se entenderá se lembrarmos que todas as grandes rupturas foram pontuadas por derrotas. Em 1948, por exemplo, a primeira guerra israelo-árabe sinaliza a falência dos regimes pró-ocidentais em lidar com o desafio sionista. Na verdade, a importância do estabelecimento de Israel enquanto Estado judeu no coração do mundo muçulmano tem valor simbólico mais do que estratégico (DEMANT, 2004, 209-209 p.).

Para o autor, Israel é estrategicamente bem localizado, todavia, o seu Calcanhar de Aquiles são outros pontos cruciais, que acabaram desorganizando todo o Oriente Médio. “O que incomoda é o seu desenvolvimento, a sua orientação cultural abertamente não médio-oriental e a incapacidade absoluta e repetida do mundo muçulmano em chegar a um equilíbrio de poder que levaria a um meio termo menos desonroso. Daí a centralidade das guerras israelenses na consciência árabe” (DEMANT, 2004, 209 p.). Outro ano de suma importância é o de 1956 materializa o ápice do Pan-Arabismo; a guerra de Suez e o aniquilamento das ideias ocidentais.

Ainda assim, os novos regimes, secularistas e modernizadores, fracassaram tanto interna quanto externamente. Em junho de 1967 ocorre a terceira guerra entre Israel e a frente árabe, a chamada Guerra dos Seis Dias, que simboliza esse fracasso. A próxima data chave não trata mais de Israel: 1978/79 e a Revolução Iraniana apontam para a nítida emergência de uma alternativa islâmica ao secularismo árabe. Este, porém, vivido como um sinal de esperança pelas massas árabes, acontece fora do próprio mundo árabe. E no lugar de se expandir e trazer o esperado renascimento que outorgaria aos muçulmanos árabes os recursos psicológicos, sociais e militares para se emancipar de imposições estrangeiras (tanto as reais quanto as imaginárias), a exportação da revolução islâmica provoca, no âmbito árabe, somente repressões e novas guerras perdidas (DEMANT, 2004, 209-210 p.).

Segundo Peter Demant, outro ano pontal para estudado é 1990-91, e nesse contexto acontece a Guerra do Golfo, que é pró-Kuwait e opositora da ocupação iraquiana. Esse acontecimento de inúmeras interpretações.

A agressividade e prepotência do regime iraquiano arabista, o entusiasmo que ele evoca entre as massas árabes e, ainda, sua humilhante incapacidade militar frente à coalizão internacional (mas essencialmente ocidental) que restaurou as fronteiras herdadas do período colonial, tudo nela indica a irreversibilidade das derrotas: as perdas contra o Irã, a vaidade das lideranças e a ingenuidade das populações, o isolamento e a crescente irrelevância do mundo árabe na era da globalização, a exaustão de todos os modelos coerentes – com exceção do islamista, imune a críticas racionalistas. É exatamente esse que crescerá na última década, não obstante (e talvez graças às) repressões. É também o que se radicalizará na que parece ser a única estratégia para a qual nem o sionismo nem o Ocidente têm oferecido uma resposta efetiva (DEMANT, 2004, 210-11 p.).

O ano de 1991 ocorre entre um processo de paz Israelense-Palestino. Mas, para alguns grupos dessa Sociedade era entregar-se: ao materialismo, a modernidade e outras ideologias ocidentais.

A nova intifada (levante palestino), que traz a violência para dentro dos lares israelenses, e os ataques terroristas do 11 de setembro de 2001, entre outros que se seguiram, são conduzidos por grupos islamistas relacionados e seguem lógicas paralelas: a dor, a vergonha e a raiva alcançam tal ponto que o único incentivo que resta é o de infligir a dor máxima ao inimigo, mesmo ao preço da própria vida e da certeza de uma resposta ainda mais dolorosa (DEMANT, 2004, 211-12 p.).

Em suma, o Terrorismo só atrai a atenção do Ocidente para o Oriente Médio de maneira negativa. Assim, que justifica todas as invasões ocorridas – em cima de alguns fatos. Todo o Ocidente é visto como um homem só – um homem terrorista, prontamente, disposto a bombardear o Oriente Médio por completo.

O terrorismo e os homens-bomba conseguiram provocar – quase que de propósito – as reocupações da Cisjordânia e de Gaza, e as recentes invasões norte-americanas no Afeganistão e no Iraque. Podemos ter a certeza de que essas reações não adiantarão – a menos que sejam acompanhadas por uma mudança igualmente radical nos programas de políticas sociais e culturais do Ocidente. Mas não apressemos o rio. Isso, na verdade, será assunto para o último capítulo deste livro (DEMANT, 2004, 212 p.).

Independência e fracasso do Pan-Arabismo secular (1945-67).

Com o fim da 2ª Guerra Mundial houve as independências dos Estados do Oriente Médio, nenhuma foi similar outra. Cada qual com a sua natureza. A incapacidade monetária, o contexto do surgimento de ONU e a Guerra Fria. Esse conjunto dá um xe-

que-mate ainda que, lentamente, na ideia de Império de ambos, Inglaterra e da França.

A conclusão de Albert Habib Hourani:

Na verdade, porém, as bases do poder britânico e francês tinham sido abaladas. O colapso da França em 1940 enfraquecera sua posição aos olhos daqueles que ela dominava; embora tivesse emergido do lado dos vencedores, e com o *status* formal de grande potência, os problemas da recriação de uma vida nacional estável e restauração de uma economia danificada lhe tornariam mais difícil apegar-se a um império que se estendia do Marrocos à Indochina. Na Grã-Bretanha, os esforços da guerra haviam levado a uma crise econômica que só podia ser superada aos poucos, e com a ajuda dos Estados Unidos; o cansaço e a consciência da dependência fortaleceram a dúvida sobre se era possível ou desejável dominar um império tão grande do mesmo jeito que antes. Ofuscando a Grã-Bretanha e a França havia os dois poderes cuja força potencial a guerra tornara concreta. Os Estados Unidos e a União Soviética tinham maiores recursos econômicos e força humana que qualquer outro Estado, e no curso da guerra haviam estabelecido uma presença em muitas partes do mundo. Daí em diante, estariam em posição de exigir que seus interesses fossem levados em conta em toda parte, e a dependência econômica da Europa da ajuda americana dava aos Estados Unidos um poderoso meio de pressão sobre seus aliados europeus (HOURANI, 1994, 358).

Segundo Peter Demant, a Inglaterra e França tiveram que abrir mão de suas colônias. E exceção do oriente Médio é a Palestina, que acaba a 2ª guerra Mundial, ainda sobre égide inglesa. Mas, que com o tempo fica inconciliável, devido, a luta árabe-sionista, que na verdade, é fruto da imigração Sionista Elitista Européia – autorizada e ajudada pela Inglaterra, que desajusta toda uma Sociedade já organizada, e arruma de maneira bem inglesa européia, ou seja, etnocêntrica sem se preocupar com as etnias, as religiões ali já existentes. Não na mesma proporção, mas, e mesmo erro construído pela Conferência de Bruxelas e de Berlim, que deixam marcas na Sociedade do Continente Africano até hoje, que após esses eventos é um muito mais corriqueiro a Guerras Fratricidas. Todavia, os Sionistas e os Árabes tinham anseios totalmente iguais. “Ambas ambicionavam agora a independência: os palestinos preferindo talvez se fundir a um Estado pan-árabe futuro, enquanto os sionistas militavam em favor de um Estado judeu separado. Nenhum dos dois aceitou a legitimidade do outro, e em ambos a maioria rejeitou soluções de meio-termo” (DEMANT, 2004, 213 p.).

Israel-Palestina: a independência de Israel (1948-1967).

Segundo Peter Demant, o rastro deixado pelo holocausto foi inefável. Foi um choque para toda a Sociedade Mundial. “Na percepção do mundo árabe, o assentamento judeu da Palestina se confundia com o colonialismo ocidental, ambos destinados à erradicação” (DEMANT, 2004, 215 p.). A Inglaterra entregou a Palestina nas mãos da

ONU, depois da Guerra. A ONU foi a Instituição Supranacional escolhida para coordenar toda a divisão territorial, em 1947, em dois: Estados Independentes no mesmo local, que antes tinha apenas um Estado somente.

O Estado judeu projetado sobrepunha mais ou menos os assentamentos sionistas já existentes. Mesmo assim, incluía uma “minoría” palestina árabe hostil, que na verdade representavam 49% da população. Num país minúsculo, a proposta só teria alguma chance, evidentemente, se ambas as comunidades inimigas se comprometessem a uma estrita coordenação. A Agência Judaica aceitou, o lado árabe recusou. Na guerra que se seguiu, o *yishuv* (comunidade judaica na Palestina) derrotou os palestinos, declarou sua independência e expulsou os exércitos de sete Estados árabes, que imediatamente declararam guerra (DEMANT, 2004, 213 p.).

Para Demant o ponto chave é esse: “o Estado independente palestino nunca se tornou realidade” (DEMANT, 2004, 216 p.). Todo esse problema se desdobre em outros problemas. “Cerca de 750.000 palestinos fugiram em circunstâncias controversas para os países vizinhos, onde sua presença se perpetuou ano a ano e logo constituiu um problema humanitário e político de grande magnitude. Armistícios foram assinados em 1949, mas a tensão não diminuiu” (DEMANT, 2004, 216-17 p.). Segundo Albert Hourani a 2ª Guerra Mundial implodiu as poucas possibilidades dos Palestinos.

Em 1939, um Documento Branco determinava o estabelecimento último de um governo de maioria árabe, e limitações à imigração e à compra de terra pelos judeus. Isso teria sido aceitável para os árabes com algumas modificações, mas a comunidade judia não quis concordar com uma solução que fecharia as portas da Palestina à maioria dos imigrantes e impediria o surgimento de um Estado judeu. A resistência armada judia começava a se fazer notar, quando a eclosão de uma nova guerra européia encerrou toda atividade política formal (HOURANI, 1994, 335).

Assim, o processo de descolonização européia no Mundo Árabe, a Palestina, não foi integrada a esse processo. Em meio a esse processo houve resistência, que se reflete termina em Independência.

A Líbia se viu compensada por sua resistência à Itália e chegou à independência em 1952. Na mesma época, a onda de liberdade chegou ao império francês na África do Norte. A Tunísia e o Marrocos se tornaram independentes em 1956. A Argélia chegou à emancipação somente em 1962, após uma longa e cruel guerra liderada pela FLN (Frente de Libertação Nacional). E após o fiasco da Guerra de Suez em 1956, a Grã-Bretanha começou a liquidar suas últimas colônias “a leste de Aden”, no Golfo Pérsico, o que conduziu às independências, entre 1961 e 1971, do Kuwait, Barein, Catar e dos “Estados do Tratado” que se reuniram nos Emirados Árabes Unidos (DEMANT, 2004, 217 p.).

No entanto, o ponto a ser lembrado é que, quando chega à década de 1960. É indiscutível. A Emancipação da todos os Estados Árabes, na houve uma fórmula ou padrão, cada Emancipação aconteceu a sua maneira.

A maioria também permaneceu economicamente dependente, seja do Ocidente, seja do bloco soviético. Tampouco o Oriente Médio escapou à geopolítica da Guerra Fria. Quando a URSS exerceu pressões sobre a Turquia e o Irã, estes países da Bancada Setentrional reagiram integrando as alianças militares pró-ocidentais, ou seja, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e o Pacto de Bagdá (DEMANT, 2004, 218-19 p.).

Segundo Peter R. Demant, a Guerra Fria faz tremer o Mundo Árabe. A região se tornou uma área geopolítica de grande interesse para os Gigantes do Mundo: EUA, que lidera a ideia Capitalista, e a URSS, que lidera a ideia Comunista.

Os chamados conservadores, tais como a Arábia Saudita, os sultanatos e emirados peninsulares, além da Jordânia e do Marrocos, entre outros, constituíam em geral monarquias sob forte influência ocidental – agora, mais precisamente dos EUA, após a retirada britânica e francesa. Por outro lado, houve uma série de regimes ditos progressistas, originários de evoluções antiocidentais. Foi o caso do Egito, Síria, Iraque, Argélia e Líbia, alinhados à URSS, onde se estabeleceram orientações pan-arabistas e “socialistas” (DEMANT, 2004, 220 p.).

Dentro de todo esse processo interno, e depois, soma as anexações ideológicas vindas do Comunismo e do Capitalismo não resolvem os problemas, Todavia, agita mais o liquidificador ideológico. Nem tão pouco a Liga Árabe á conta disso. São incapazes de conta de efervescência social. “Forças centrífugas também operaram dentro de cada um dos grupos e contrariaram as tendências rumo à unificação”(DEMANT, 2004, 219-20 p.).

A década de 1950 é ao ápice do pan-arabismo, o seu pilar é o Exército. Dentre muitas Revoluções que possa ser citada, a de se destacar. A Revolução que ocorreu no Egito, em 1952, liderado por Oficiais Livres, e acabou chegando ao poder Gamal Abdul Nasser. Este é carismático, e em pouco tempo se tornou um mito do Movimento Pan-Árabe. Tolerante a religião; progressista: econômico-agrícola e industrial. Suas ideologias e feitos governamentais são totalmente contrárias a política imperialista.

Para financiar seus ambiciosos projetos de irrigação no Nilo, Nasser nacionalizou, em 1956, o Canal de Suez, provocando uma aliança entre França, Grã-Bretanha e Israel – este último inclusive sofreu incursões de *fedaiyin* palestinos de Gaza, apoiados pelo Egito. Na Guerra de Suez, o Egito foi derrotado e a Península do Sinai, ocupada. Porém, as pressões conjuntas dos EUA e da URSS logo obrigaram sua devolução. Nasser conseguiu transformar uma derrota militar numa vitória política, e set ornou, da noite para o dia, o ídolo das massas no mundo árabe inteiro. Aproveitando o prestígio, o Egito pouco depois se uniu à Síria na República Árabe Unida (RAU). No entanto, foco de profunda instabilidade política e centro de turbulência pan-árabe, a Síria se sentiu insatisfeita e desfez a unificação em 1960 (DEMANT, 2004, 220-21 p.).

Segundo Albert Habib Hourani um dos fatos mais importantes do Oriente Médio no contexto histórico da Guerra Fria é a Crise do Canal de Suez.

Entre 1955 e 1961, houve uma série de crises em que todos esses fatores estiveram envolvidos. Em 1956, os Estados Unidos, que tinham dado que iam fornecer ajuda Financeira ao Egito para um projeto de irrigação muito grande (a grande barragem de Assuan), de repente retiraram sua oferta. Em resposta a isso, o governo egípcio não menos de repente nacionalizou a Companhia do Canal de Suez e assumiu a administração do canal. Isso causou alarme a usuários do canal, que temiam que a liberdade de usá-lo ficasse sujeita a considerações políticas. Para os governos britânico e francês, pareceu um ato de hostilidade, tanto por causa do interesse britânico e francês na empresa que construíra e era dona do canal quanto porque isso aumentava a estatura de ‘Abdal-Nasser nos países árabes. Os israelenses viram nisso uma oportunidade de enfraquecer um Estado vizinho todo-poderoso e hostil, cuja fronteira com eles tinha sido perturbada por algum tempo. O resultado foi um acordo secreto entre França, Grã-Bretanha e Israel para atacar o Egito e derrubar o governo de ‘Abdal-Nasser (HOURANI, 1994, 317 p.).

27

Peter Robert Demant, no ano de 1957-58 surgiu uma nova onda revolucionária, que mais uma vez desbaratou o modo de governar ocidental no oriente. No Iraque a Revolução era: Antihachemita; Anti Monarquista; Nacionalista; Esquerdista. Liderada por Abdul-Karim Qasim, ainda que tenha ocorrido uma radicalização ideológica bem mais acentuada, o Regime não era uma unanimidade.

O regime de Qasim, entretanto, nunca conseguiu se consolidar. A pequena burguesia sunita, com tendência pan-arabista, queria aderir à RAU, mas Qasim enfatizava a nacionalidade iraquiana por meio da igualdade entre árabes e curdos. Em 1963, ele foi executado e os comunistas perseguidos; mas os oficiais que o derrubaram discordavam entre si, divididos entre arabistas e grupos mais à esquerda (DEMANT, 2004, 221-22 p.).

Para Demant, uma Nova Revolução em 1968. Agora, quem chega ao poder é o Ba’ath:

Graças à nacionalização do petróleo em 1972, o Ba’ath esperava montar as bases de uma sociedade de bem-estar. Ao mesmo tempo, todas as oposições internas: curdos (uma revolta foi esmagada em 1975), xiitas e comunistas. Os Ba’athistas iraquianos também brigaram com seus co-partidários na Síria, no poder desde 1963. Em 1979, como veremos mais adiante, um de seus líderes, Saddam Hussein, concentrou o poder em torno de si (DEMANT, 2004, 222 p.).

Em 1962, na Argélia assinatura do Acordo de Évian²³, que conduz por meio de Paz Ahmed Ben Bella²⁴. É um Regime Socialista Árabe, que acaba tendo um pouco de apoio internacional. Contudo, as coisas ficaram na teoria. “O islã inseriu-se novamente no discurso oficial, os direitos das mulheres foram restringidos e – como no Egito, Ira-

²³ É um Acordo de Paz Argelino-Francês.

²⁴ É um dos principais líderes do Movimento de Independência Argelino contra a França. Foi Presidente; 1º Ministro. Foi condecorado com medalhas: Croix de Guerra; Medaille Militaire. Fundou a OS.

que e tantas outras sociedades pós-revolucionárias – a geração heróica da resistência antiimperialista se transformou numa elite burocrática ineficaz e cada vez mais corrupta” (DEMANT, 2004, 222-23 p.).

Israel-Palestina: a Guerra dos Seis Dias (junho de 1967) e suas sequelas.

Segundo Peter Demant, os desenhos políticos estabelecidos no pós-2ª-Guerra Mundial foram: “monarquias conservadoras; ditaduras monopartidárias populistas, inicialmente de esquerda, mas essencialmente pequenos burgueses com forte elemento militar; e regimes islamistas” (DEMANT, 2004, 223-24 p.). E sem dúvida, os Regimes Islamistas são os mais conhecidos e popularizados. É o de: Mu’ammarr Kadafi²⁵, que a partir de 1969, islamizou e Líbia, mediante a um Golpe – e se tornou um paradigma do seu tempo. Pode-se acrescentado a esses modelos a: República Democrática Parlarmentar Ocidental, no caso é Israel. Mas, para alguns Doutores em Sociologia da Regilião, hoje Israel vive em um Etnocracia.

Nos outros regimes, independentemente das ideologias, o autoritarismo foi a regra: os parlamentos eram um mero adereço, as mídias eram canais de propaganda serviçais, as prisões encontravam-se cheias de dissidentes. Tanto nas monarquias quanto nas repúblicas, as elites no poder eram secretamente ligadas a minorias – caso dos circassianos na Jordânia e dos *alawitas* na Síria – ou a clãs e tribos, como a de Tikrit no Iraque (DEMANT, 2004, 224 p.).

Fracasso do desenvolvimento e islamização incipiente (1967-1990).

Esse recorte temporal do autor é chamado de a “última tentativa árabe secular distinta” (DEMANT, 2004, 225 p.). Consiste em: “aniquilar Israel até a primeira tentativa árabe secular de desafiar militarmente a supremacia ocidental no mundo pós-Guerra Fria. Ambas as tentativas demonstram o fracasso dos Estados árabes mais fortes em atingir seus objetivos regionais – devidos, entre outros fatores, à atuação de forças locais opostas” (DEMANT, 2004, 225).

A inoperância dos Estados Árabes em resolver os problemas é multicausal: Um ponto central disso é a Revolução Iraniana. Mas, há vários motivos, que nos fazem entender: pouco crescimento populacional; a estagnação da Democracia; a evasão escolar juvenil; o crescimento da escassez de água; aumento de desemprego. Nesse conjunto acresce:

²⁵Militar; político; ideólogo; Ditador; Demagogo; Autocrata.

A combinação de derrotas externas e internas com o sentimento de que “todas as receitas já foram tentadas” explica o desgaste e a deslegitimação do Estado árabe secular e a atração do apelo islamista. Pode-se dizer, portanto, que a linha de tensão principal desse período opôs um arabismo moribundo e uma variedade de regionalismos particulares a uma nova proposta universalista: “O islã é a solução” (DEMANT, 2004, 224-25 p.).

Em suma, o Fundamentalismo como em qualquer outra ideologia é difícil de chegar a um denominador comum. Sendo uma espécie de povo ideológico, só que não têm apenas oito tentáculos, mas, são infindáveis os seus braços. Todavia, o Fundamentalismo é um Movimento Reacionário, Político-Filosófico contra toda a Ocidentalização do Oriente Conservador com seus valores próprios, que nunca colocou a política acima da religião.

Bibliografia:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1026 p.

BOBBIO, Norberto, 1909. *A teoria das formas de governo*. Tradução de: Sérgio Bath, 9ª edição. Brasileira: Editora Universidade de Brasília, 1997, 183p.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I*. ; tradução: Carmen C, Varriale et ai. Coordenador de tradução: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 1: 674 p.

COHN-SHERBOCK, Dan, EL-ALAMI, Dawoud. *O Conflito Israel Palestina: para entender...* Tradução: Claudio Blanc Morais. São Paulo: Editora: Palíndromo, 2005.

DEMANT, Peter Robert. *O Mundo Mulçumano*. Revisão: Edna Adorno, Luciana Salgado e Texto & Arte Serviços Editoriais. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2013.

HEYWWOD, Andrew. *Ideologias Políticas, [v.1]: do Liberalismo ao Fascismo*. Tradução: Janaína Marco Antonio, Mariane Janikian. 1ª Ed. 1ª impressão. São Paulo: Ática, 2010.

HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Impérios*. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão: Maria Celia Paoli. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOURANI, Albert Habib. *Uma história dos povos árabes*. Tradução: Marcos Santarrita. – São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

MAZUI, Ali A., WODJI, Christopher. *História Geral da África VIII: África desde 1935*. Tradução: Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: história e relações internacionais, 1931-45*. 3ª edição – Porto Alegre: edição de Universidade /UFRGS. 1989.